

CRESCIMENTO ECONÔMICO, MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

Estamos no final de ano, época em que todo o comércio prepara-se para vender e que quase todas as pessoas verificam sua felicidade pelo que compraram. Este ano, com um diferencial: vivemos uma crise econômica mundial que poderá nos levar a uma recessão e desemprego. Aproveitando-se desta ameaça, os empresários, a mídia, as indústrias e até mesmo o governo, só nos dizem uma coisa: COMPREM. Salvem seus empregos, comprando, é o que nos diz o discurso oficial. Um discurso que desconsidera as questões ambientais e sociais, que determinam de fato o desenvolvimento.

Combater esta crise mundial, que é um fruto da especulação financeira, apenas incentivando o consumismo e o crescimento econômico descolado de uma mudança qualitativa do sistema, não será solução para os problemas socioambientais que vivemos e nem mesmo para a própria crise.

Evidentemente que é necessário o crescimento econômico, sobretudo nas economias periféricas, no entanto, este crescimento pode ser efetivado de modo alternativo, onde ao invés de investir-se a riqueza da sociedade em bens de consumo de pouca durabilidade, invista-se em bens e equipamentos sociais que efetivamente possam contribuir para o desenvolvimento socioambiental. Exemplos típicos de investimentos que gerariam crescimento econômico e desenvolvimento, de forma sustentável, seriam a saúde, educação, habitação, saneamento básico, lazer e energias limpas. Todas estas atividades gerariam postos de trabalho e rendas, que poderiam ser mais bem distribuídas na sociedade. Mesmo assim seria necessário produzir bens de consumo, como

geladeiras, fogões, bicicletas, etc. Mas estes poderiam ser produzidos com tecnologias duráveis e com menor consumo de recursos naturais, visando minimizar os efeitos nocivos ao meio ambiente.

Teríamos de passar da sociedade do Ter, para a sociedade do Ser, haveria possivelmente menos itens para comprar no comércio, mas teríamos mais tempo para nossas famílias. Teríamos mais educação, cultura, saúde e equidade social.

Infelizmente, estas preocupações não interessam aos donos das lojas, das fábricas, aqueles que destroem as matas, que exploram os trabalhadores e também pouco desperta a atenção de todas as pessoas que correm às lojas, cotidianamente, comprando tudo que precisam e não precisam, para sentirem-se felizes. Mas, nem a natureza ou a economia estão passivas frente a este modelo excludente, suas conseqüências estão se fazendo sentir cada vez mais fortes, por isso, fica o alerta do filósofo húngaro, István Mészáros: [...] o caráter crescentemente destrutivo da produção capitalista, a intensificação da obsolescência planejada, a cada vez mais intensa perdularidade do capital no trato dos recursos naturais e humanos [que] se chocam, de modo escandaloso, com o fato de sermos uma humanidade finita, que habita um planeta finito, com recursos e com um equilíbrio ecológico cada vez mais ameaçado. É inconcebível que possamos, *ad infinitum*, desconsiderar os limites planetários e sociais à expansão da produção e do consumo e, por tabela e com urgência ainda maior, que possamos considerar a perdularidade do atual modo de produção.